



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Nina Iglecio Cozzolino

**SOU, POIS LEMBRO QUEM SOU,
MAS TAMBÉM PORQUE SE LEMBRAM POR MIM**

-

Uma reflexão sobre Memória Coletiva e Alzheimer

SÃO PAULO / 2022

Nina Iglecio Cozzolino

“SOU POIS LEMBRO QUEM SOU,
MAS TAMBÉM PORQUE SE LEMBRAM POR MIM”

-

Uma reflexão sobre Memória Coletiva e Alzheimer

Trabalho de Conclusão de Curso realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, sob a orientação da Profa. Dra. Beltrina Côrte.

São Paulo - 2022

PUC -SP

DEDICATÓRIA

Quando penso na infância, lembro da casa de meus avós.

Lembro da família reunida ao redor da mesa comprida e retangular, lembro das grandes festas de aniversários do meu avô, lembro de minha avó organizando e comandando tudo. Lembro das férias com meus primos, lembro dos bolos de chocolate, do bolo farofa e das tardes na sorveteria. Lembro dos álbuns de viagens dos meus avós e de todos os objetos da casa que foram acumulados ao longo de uma vida inteira.

Quando eu era criança minha avó me ligava todos os dias no fim da tarde. Lembro que durante essas ligações cotidianas, certa vez, minha avó começou a me contar a história de quando ela mesma era criança e trabalhou no circo. Lembro de minha surpresa em imaginar minha avó criança - avós já foram crianças?.

Nossas ligações cotidianas se tornaram capítulos de uma novela, todos os dias eu esperava ansiosamente o momento que vovó me ligaria para contar mais uma aventura no circo. Até que chegou o dia em que o circo foi embora e a história acabou. Lembro do dia, anos depois, em que soube que a história do circo era uma invenção. Minha avó nunca admitiu. Que imaginação ela tinha! Inventava mundos a Dona Fifa. Esses mundos inventados são tão parte do que sou quanto os mundos vividos.

Quando eu tinha 12 anos, fui vendo minha avó mudar. Aquela mulher super poderosa, que sabia de tudo e de todos, que tinha a mente mais brilhante que eu conheci foi ficando confusa, esquecida, diferente. Quem era essa nova pessoa? O tempo foi passando e fomos nos moldando. Enquanto eu crescia, conhecia o mundo, me conhecia, via ela se desconhecendo, esquecendo-se de quem era. Combinação complexa essa, mas complementar.

Acompanhar a minha avó mudando e de alguma maneira, se perdendo, foi me fazendo inventar estratégias para mantê-la comigo, para enxergá-la como Fifa, minha avó Fifa. E conseguimos! Eu sei bem quem ela é e ela sabe bem quem eu sou, mesmo que hoje eu não seja mais Nina, filha da Paula, mesmo que hoje eu seja “minha querida”. Ela sabe que sou querida pois ela é, e sempre será, minha querida também.

Hoje, Vovó Fifa lembra-se muito pouco de sua história, de seu amor pelo meu avô, de suas viagens, de seus saberes e histórias mirabolantes. Também sabe pouco de seus traumas, das pessoas que perdeu e das tristezas da vida. Que bom! Afinal o esquecimento tem mesmo sua função...

O tempo passou mas algo não mudou, sei que minha avó é. É uma versão diferente, que nenhum de nós conhecia, mas é também tudo aquilo que já foi e que conhecemos. Ela é,

mesmo sem saber quem é. Ela é porque sabemos que ela é e vamos continuar a contar sua história até quando cansar, até quando seu corpo não estiver mais neste mundo. Ela é porque - l e m b r o - de quem ela é. E não sou só eu! Lembramos! Todos que viveram, ouviram e viram ela. Todas as fotos, objetos e histórias dizem de quem ela é e dizem que ela ainda é.

E é pra ela que dedico esse trabalho. Porque talvez se eu não estivesse vivido essa mulher e sabido dela, eu não estaria aqui fazendo esse trabalho. Não estaria aqui fazendo Psicologia.

Obrigada Vovó Fifa, por tudo o que você é e também por tudo que sou e estou, graças a você.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Beltrina Côrte por acreditar neste trabalho, ter paciência ilimitada e me ajudar a pensar sobre as infinitas possibilidades das memórias produzirem sujeitos e os sujeitos produzirem memórias. Os encontros de sexta-feira, sempre leves e potentes, permitiram a realização deste trabalho durante essa jornada.

Agradeço às minhas amigas da vida por estarem sempre perto, cuidando, trocando e pensando mundos comigo. Muito do que sou são memórias construídas com elas.

Agradeço às minhas maiores referências de mulheres da vida, Paula, Babs, Tata, Pati e Kiki, por me ensinarem constantemente sobre o amor, ser mulher, ser mãe, ser irmã, ser.

Agradeço a Vovó Fifa, a grande inspiração para este trabalho e para quem sou. Aquela que me ensina diariamente a importância da memória e do esquecimento. Ela talvez nunca entenderá essa produção e como viver ao seu lado me constrói e reconstrói a cada dia, mas não tem problema, eu lembro por nós duas.

RESUMO

COZZOLINO, Nina Iglecio. “**Sou pois lembro quem sou, mas também porque se lembram por mim - Uma reflexão sobre Memória Coletiva e Alzheimer**”. Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2022, 41 pp.

O presente estudo versa sobre a importância da memória coletiva na vivência do sujeito com Doença de Alzheimer, a demência mais comum do mundo segundo a Organização Mundial de Saúde (2020). A pesquisa buscou compreender como a Memória Coletiva pode contribuir para a constituição subjetiva de um sujeito que vive este processo de demência, sustentada na conceituação de Halbwachs e Ecléa Bosi acerca da memória coletiva e nos estudos recentes da psicologia acerca da Doença de Alzheimer. A pesquisa tem abordagem qualitativa e utiliza o estudo bibliográfico como procedimento metodológico. As buscas foram realizadas na base de pesquisa PePSIC, a partir dos descritores Alzheimer; Memória Social e Memória Coletiva.

Palavras-Chave: Alzheimer; Memória Coletiva; Memória Social.

Resultados: A articulação da Memória Coletiva com a vivência das pessoas com Doença de Alzheimer se faz necessária na área da psicologia não apenas pela ausência de estudos que se propõem a fazer esta articulação, mas também pelo fato de que esta relação tem potencial de produzir uma terapêutica para aqueles que cuidam de quem sofrem com Alzheimer e para aqueles que vivem com a Doença. Identificar as singularidades e subjetividades que persistem, mesmo com a perda da memória, é essencial para que aquele que esquece ainda seja visto e considerado como sujeito.

Discussão: A memória não existe apenas dentro de cada sujeito, é uma produção coletiva que se atualiza com o tempo e a cada nova vivência, individual ou coletiva. Com isso em mente, como se pensa a vida do sujeito com Doença de Alzheimer? Considerar a Memória Coletiva como constitutiva do sujeito afeta, ou pode afetar, a vivência do sujeito que perdeu o acesso a sua memória individual devido a uma demência? Nas considerações finais se propõe olhar para a Memória Coletiva como aspecto importante na vida do sujeito que adoece e compreendê-la como motor significativo para manutenção da subjetividade.

ABSTRACT

This study shows the importance of the Collective Memory in the experience of people with Alzheimer's Disease, the most common dementia in the world according to the World Health Organization (2020). The research is willing to understand how the Collective Memory can contribute to the subjective constitution of someone who experiences this process of dementia, based on the conceptualization of Halbwachs and Ecléa Bosi about Collective Memory and recent psychology studies about Alzheimer's Disease. The research has a qualitative approach and uses the bibliographic study as a methodological procedure. The searches were carried out in the PePSIC research database, using the following descriptors: Social Memory Collective Memory and Alzheimer's.

Key words: Alzheimer's; Collective Memory; Social Memory.

Results: The articulation of Collective Memory with the experience of people suffering from Alzheimer's Disease is necessary in the area of psychology not only because of the absence of studies that propose to make this articulation, but also because this relationship has the potential to produce a therapy for those who care for Alzheimer's patients and for those who live with the disease. Identifying the singularities and subjectivities that persist, even with the loss of memory, is essential so that the one who forgets is still seen and considered as a subject.

Discussion: Memory does not exist only within each person, it is a collective production that is updated with time and with each new experience, individual or collective. With that in mind, what do you think about the life of the person with Alzheimer's Disease? Does considering Collective Memory as constitutive of the subject affect, or can it affect, the experience of the subject who has lost access to their individual memory due to dementia? In the final considerations, it is proposed to look at Collective Memory as an important aspect in the life of the one with Alzheimer and understand it as a significant tool for the maintenance of subjectivity.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1- O Que A Psicologia Está Falando Sobre Alzheimer E Memória?.....	12
2 - A Memória Coletiva E O Envelhecimento.....	15
3- A Doença de Alzheimer E A Psicologia	19
4- A Importância da Memória Coletiva na Vivência do Sujeito com Doença de Alzheimer.....	22
Considerações Finais.....	25
Referências.....	27
Apêndice.....	31

INTRODUÇÃO

O presente estudo versa sobre a perda da memória no processo de adoecimento pela Doença de Alzheimer. A pesquisa se propõe a compreender a importância da memória coletiva na vivência do sujeito que perde o acesso a sua memória a partir de um processo de demência. A compreensão será sustentada teoricamente pela psicologia social, através dos estudos de Halbwachs sobre a constituição do sujeito e memória coletiva, dos estudos de Ecléa Bosi quanto aos processos de envelhecimento e construção da Memória Coletiva.

O interesse do estudo decorre de uma vivência pessoal da autora quanto um familiar que sofre com a Doença de Alzheimer (DA). A partir da vivência próxima da doença e o acompanhamento da constante progressão da enfermidade, algumas questões surgiram: Quem é que se apresenta após tamanha degeneração orgânica e psíquica? O que fica e o que se perde deste sujeito? A memória é apenas individual? É possível lembrar pelo outro? As perguntas são diversas e as respostas infinitas, entretanto, o presente estudo dispõe-se a compreender apenas a construção subjetiva através do compartilhamento e cultivo da memória coletiva a respeito deste sujeito que envelhece, e perde progressivamente o acesso a sua memória individual.

A temática se mostra relevante na medida em que, de acordo com Gonçalves (2012), há poucos estudos no Brasil acerca da prevalência da Doença de Alzheimer na população idosa, e principalmente, sobre a importância da memória coletiva no processo de subjetificação daqueles que perderam a memória decorrente da patologia. Além disso, a nova tabela de Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID 11), publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e que entrou em vigor a partir de janeiro de 2022, previa padronizar os diagnósticos, incluindo no *ICD11* o código *MG2A (old age without mention of psychosis; senescence without mention of psychosis; senile debility)*. Com isso, a condição de velhice (old age) passava a ser considerada doença, podendo ser anotada pelo profissional médico sob o CID11.

Felizmente a OMS recuou e a velhice não consta mais como diagnóstico de doença, graças a diversas críticas de organizações e a um movimento encabeçado por diversos profissionais e estudiosos reconhecidos da área da gerontologia do mundo inteiro¹, que

¹ Ver matéria intitulada “OMS revê CID-11 e vai retirar classificação de velhice como doença”.

Disponível em:

<https://www.asbran.org.br/noticias/oms-reve-cid-11-e-vai-retirar-classificacao-de-velhice-como-doenca#:~:text=>

alertaram que a velhice é uma condição humana e não um sintoma de doença, pois ao ser considerada um sintoma merecerá um diagnóstico. E esse diagnóstico será passível de tratamento com medicamentos, estando a população envelhecida à mercê da exploração da indústria farmacêutica e de profissionais da área de tratamentos antienvelhecimento.

Essa concepção de velhice/doença da OMS para a Classificação Internacional de Doenças era paradoxal à promoção da Organização das Nações Unidas (ONU) para a *Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030)*² e à Campanha Global de Combate ao Idadismo³. Refletir sobre o olhar que a sociedade tem para o sujeito que envelhece, patologizando-o, é imprescindível, especialmente no atual contexto em que essas discussões afloraram. A corrente pesquisa poderá agregar com os estudos nesta área.

Nesse sentido, esta pesquisa qualitativa buscou compreender a importância da memória coletiva na construção subjetiva do sujeito que perdeu a memória em um processo de envelhecimento e demência, a Doença de Alzheimer, a mais comum do mundo segundo a Organização Mundial de Saúde (2020). Além disso, a pesquisa se propôs a identificar os efeitos sociais e orgânicos da Doença de Alzheimer, bem como de compreender os processos de construção da memória coletiva na constituição do sujeito com Alzheimer.

O estudo realizado teve uma abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico. A pesquisa foi realizada majoritariamente na base de pesquisa PePSIC. Os descritores utilizados para a busca foram: Alzheimer; Memória Social e Memória Coletiva.

A partir da captação e leitura dos artigos, foram realizadas sínteses dos textos com as informações e conceitos mais relevantes à produção da pesquisa. O critério de relevância se deu considerando todo e qualquer artigo encontrado na busca que se aproximava da questão norteadora: a importância da memória coletiva na constituição da subjetividade de um sujeito que perdeu sua memória a partir da Doença Alzheimer. Neste sentido, os artigos buscados tratavam da constituição e importância da memória coletiva na subjetividade individual e

Postado%20em%2015%2F12%2F2021,Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20(OMS). Acesso em 03 de jun 2022.

² Disponível em

<https://brasil.un.org/pt-br/105264-assembleia-geral-da-onu-declara-2021-2030-comodecada-do-envelhecimento-saudavel>. Acessado em 28.04.2021

³ Disponível em:

<https://www.un.org/development/desa/dspd/wpcontent/uploads/sites/22/2021/03/9789240016866-eng.pdf>. Acessado em 28.04.2021

coletiva, bem como sobre as características da Doença de Alzheimer e seus efeitos sociais e orgânicos.

Foram realizadas tabelas (Apêndice 1) a qual todos os artigos encontrados na plataforma PePSIC entre 2015 e 2021 utilizando os descritores “Alzheimer”, “Memória Social” e “Memória Coletiva” estão centralizados. Durante a revisão bibliográfica foram encontrados 20 artigos científicos, dois utilizando o descritor “Memória Coletiva”, 12 utilizando o descritor “Alzheimer”, cinco utilizando o descritor “Memória Social” e um utilizando ambos os descritores “Memória e Alzheimer”. Dos 20 artigos encontrados, apenas 6 foram utilizados para a construção desta pesquisa.

Nos anos de 2015 e 2020 houve a maior quantidade de artigos publicados com esses descritores, enquanto 2016 e 2021 foram os anos com a menor quantidade, apenas um em cada ano.

A pesquisa não se utilizou apenas dos artigos que se encontram dentro desta delimitação. Foram utilizadas publicações em blogs, vlogs e matérias jornalísticas, além de artigos analisando Halbwachs e Ecléa Bosi, além de textos dos próprios autores.

As respostas encontradas em relação às perguntas norteadoras da pesquisa foram agrupadas em quatro capítulos. No primeiro abordamos os principais temas que surgiram na revisão de artigos dos anos 2015 a 2021 com os descritores Alzheimer, Memória Coletiva e Memória Social realizada na plataforma PEPSIC. Os conteúdos dos artigos encontrados possibilitam a divisão em quatro temas: “Formas de Cuidado e Terapias” para a Doença de Alzheimer, “Visões Psicanalíticas” ou “Visões Orgânicas/Neurológicas” sobre a doença, e, por fim, “Temas Diversos”. A partir desta revisão pode-se observar o que a psicologia está falando sobre a Doença de Alzheimer e o conceito de Memória Coletiva/Social.

No segundo capítulo há uma exposição do conceito de Memória Coletiva proposto por Halbwachs e outros pensadores, bem como sua relação com o envelhecimento. O capítulo propõe ampliar o conceito de memória a considerando, também, como uma produção coletiva e constitutiva dos sujeitos e grupos, este é o capítulo que dá bases para a discussão acerca da importância da memória coletiva na vivência do sujeito com Doença de Alzheimer.

O terceiro capítulo intitulado “Doença de Alzheimer e a Psicologia” apresenta as principais características da doença em seu viés orgânico, social e psicológico, bem como

suas atuais formas de tratamento. Um aspecto importante que ressoa neste capítulo é a necessidade de um olhar e de um cuidado psicológico para aqueles que vivenciam a doença e para os agentes cuidadores, o sujeito com Alzheimer, mesmo que em situação cognitiva destituída ainda comunica algo de sua subjetividade nas repetições, nas memórias individuais que ficam e nas que se vão.

Por fim, o quarto capítulo pretende estabelecer uma relação entre a Doença de Alzheimer e a Memória Coletiva, a qual constata-se ser de enorme relevância. A Memória Coletiva é recurso essencial para aquele que perde o acesso a sua memória individual, exercitar a produção e compartilhamento de lembranças acerca do sujeito com Doença de Alzheimer possibilita a manutenção do sujeito, o permitindo ser, de uma nova maneira, a partir das memórias coletivas narradas.

Neste sentido, é dever da Psicologia olhar para a relação da Memória Coletiva com a Doença de Alzheimer, de forma a cultivar a produção de memórias e narrativas coletivas acerca do sujeito que se esquece. O investimento nessa prática tem efeitos terapêuticos para os cuidadores e para aquele que é acometido pela doença. Conclui-se que é possível ser mesmo quando não se lembra de quem é, basta que haja outras pessoas significativas ao redor que continuem a lembrar-se .

Capítulo 1

O Que A Psicologia Está Falando Sobre Alzheimer E Memória?

A partir da revisão de artigos dos anos 2015 a 2021 com os descritores Alzheimer, Memória Coletiva e Memória Social realizada na plataforma PEPSIC, é possível dividir o conteúdos dos artigos em quatro temas: “Formas de Cuidado e Terapias” para a Doença de Alzheimer, “Visões Psicanalíticas” ou “Visões Orgânicas/Neurológicas” sobre a doença, e, por fim, “Temas Diversos”.

Dos 20 artigos encontrados, quatro deles são a respeito das *Formas de Cuidado e Terapias* para as pessoas que vivenciam a Doença de Alzheimer. Os artigos compreendem que existem algumas maneiras significativas para que o cuidado das pessoas com Doença de Alzheimer seja realizado, são apresentadas terapias grupais como uma estratégia de grande valor a qual é reconhecida a relevância do grupo, da troca e da identificação entre os sujeitos como uma maneira eficaz de prevenção e tratamento.

O artigo “Alzheimer, sintomas e grupos: uma revisão integrativa” de Caetano, Silva e Silveira (2017) se propôs a levantar as produções científicas em relação ao Alzheimer, sintomas e intervenções em grupo no período de 2011 a 2016, encontrando 35 produções que abordam o tema, todas trazendo a doença de Alzheimer e sintomas, bem como modelos de intervenções, como grupos de apoio, viabilizando melhorar a qualidade de vida entre os pacientes neurodegenerativos e seus cuidadores.

Moreira *et al* (2018), por sua vez, traz em seu artigo “Cuidadores informais de familiares com Alzheimer: vivências e significados em homens” a perspectiva dos cuidadores homens informais na assistência ao paciente com a doença de Alzheimer, compreendendo que há um número pequeno de pessoas nessa situação, portanto é um tema que demanda estudos científicos para compreender a dinâmica e o funcionamento do cuidado. O estudo teve como objetivo caracterizar os cuidadores informais e identificar as motivações, o contexto e o nível de sobrecarga do cuidador na relação com o paciente e a família. Por meio deste estudo constatou-se que a Doença de Alzheimer provoca mudanças na rotina que podem acarretar inflexibilidade no tempo, neste sentido, o apoio da família e dos amigos são essenciais para o trabalho de cuidado.

Outro artigo encontrado acerca do tema do cuidado é “A intervenção grupal e o uso da arte como ferramentas produtivas para pessoas com Alzheimer”, de Silva *et al* (2019). Este explora e verifica os benefícios da intervenção grupal e interdisciplinar, propiciando qualidade de vida para pessoas com Alzheimer. O estudo foi uma pesquisa de campo que constituiu na intervenção psicológica grupal com pessoas com Alzheimer em uma instituição de acolhimento para idosos. Os resultados confirmaram a hipótese da intervenção em grupo interdisciplinar possibilitar melhora na qualidade de vida de pessoas com Alzheimer.

Além disso, foi identificado também o artigo “A música como agente terapêutico no tratamento da Doença de Alzheimer”, de Martins e Quadros (2021), que traz a música como uma técnica terapêutica, elemento este que se apresenta como alternativa ao tratamento com medicamentos. O artigo revisou estudos recentes acerca da temática e propôs possíveis reflexões que possam colaborar com a prática e entendimento da terapêutica musical na Doença de Alzheimer.

Foram encontrados dois outros artigos que tratam da Doença de Alzheimer a partir de uma visão psicanalítica. Embora ambos se utilizem de uma mesma vertente teórica para falar sobre o mesmo tema - a Doença de Alzheimer - cada um aborda aspectos muito diferentes da doença.

O primeiro, de Cardoso e Neto (2016), “Considerações sobre a repetição da linguagem no idoso com Alzheimer: uma perspectiva psicanalítica”, considera um ponto elementar que é a relação dos pacientes com a linguagem e sua repetição, este enfoque ressalta a importância de um olhar cuidadoso ao que é dito e como é dito, mesmo em um caso de demência. Entende-se que o discurso repetitivo do idoso pode servir-lhe como uma tentativa de manutenção da identidade subjetiva ao longo do tempo. O reconhecimento do sentido dessa repetição traz a demanda de uma escuta que favoreça a preservação do sujeito demenciado nas funções socializante e libertadora da linguagem.

O segundo artigo, de Leitão (2017), nomeado “A Psicanálise e as Singularidades de um Caso de Constipação”, por outro lado, traz um estudo de caso de um sujeito que sofre com constipação e mora com sua mãe que tem Doença de Alzheimer. O artigo apresenta uma relação entre as questões apresentadas por ambas as figuras, mãe e filho, compreendendo que a mãe se encontra em uma posição vulnerável, necessitando de cuidados. Este processo faz

com que o filho também passe a sofrer de situações específicas relacionadas às fases de desenvolvimento sexual segundo a Psicanálise.

Utilizando a palavra chave “Alzheimer” foram encontrados outros artigos que compreendem a Doença a partir de uma visão neurológica e orgânica. A maioria busca descrever os sintomas e desenvolvimento da doença, considerando questões neurológicas e neuropsicológicas, como é o caso dos artigos encontrados no “*Quadro 3: Artigos sobre Visões Orgânicas/Neurológicas da Doença de Alzheimer levantados entre 2015 e 2021*” (Apêndice).

Também foram encontrados dois artigos que mesmo trazendo questões orgânicas da doença, a abordam por outro viés. Um deles, intitulado “Síndrome de Down: prevalência da doença de Alzheimer e o papel dos hormônios tireoidianos”, de Giannocco *et al* (2020), trata da experiência de pessoas com Síndrome de Down com Alzheimer. O outro, “Impacto da Anosognosia Associada à Demência de Alzheimer na Qualidade de Vida de Cuidadores”, de Pereira *et al* (2018), que considera os impactos dos sintomas neurológicos do doente naqueles que cuidam.

Por fim, na categoria nomeada como “Temas Diversos”, utilizando os descritores “Memória Social” e “Memória Coletiva”, foram encontrados sete artigos que tratam de temas e perspectivas diversas a respeito do conceito de Memória Coletiva e Social.

Pode-se observar a preocupação com os impactos espaciais e históricos na memória coletiva, além de uma percepção da importância desse tipo de memória na construção das narrativas sociais. Além disso é possível encontrar artigos que apresentam uma revisão bibliográfica dos conceitos através da leitura dos autores que os cunharam, bem como suas referências epistemológicas. Todos os artigos mencionados podem ser encontrados no “*Quadro 4: Artigos sobre temas diversos usando os descritores Memória Social e Memória Coletiva levantados entre 2015 e 2021*” (Apêndice).

Com esta revisão bibliográfica verifica-se que há uma lacuna de produção de artigos produzidos no período entre 2015 e 2021 que abordem uma relação entre a Doença de Alzheimer e a Memória Social. Relação essa que se faz imprescindível e que a presente pesquisa se propõe a desenvolver.

Capítulo 2

A Memória Coletiva E O Envelhecimento

A memória coletiva se constitui como um conceito essencial para a discussão a respeito da constituição do sujeito que perdeu seu acesso à memória num processo de demência como o Alzheimer.

O filósofo francês Maurice Halbwachs (1990) compreende a memória como algo que não depende apenas do sujeito que lembra, mas também se configura dentro dos grupos, do coletivo. É dentro dos contextos sociais que a memória ganha materialidade, pois deixa de se relacionar apenas com aspectos orgânicos do indivíduo e passa a se relacionar com o tempo, o espaço e com os outros indivíduos, aspectos que garantem à memória dimensões relacionais, temporais e espaciais.

As lembranças, portanto, retomam relações sociais construídas a partir de noções compartilhadas, e não simplesmente ideias ou sentimentos isolados. Para o autor, a memória seria um trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os contextos sociais nos quais as lembranças podem permanecer e articular-se entre si.

Oliveira e Bertoni (2019) e (Oliveira, 2019) discorrem sobre o pensamento halbwachiano e expõem a importância das relações sociais no processo de desencadeamento de memória e rememoração. É no meio social que a vida acontece, portanto é aí também que os fatos e acontecimentos vividos são potencializados e ganham a possibilidade de recordação e reconstituição. De acordo com o pensamento de Halbwachs, nem mesmo a memória individual é desprovida de qualidades da memória coletiva, a primeira seria inclusive um ponto de vista sobre a segunda. É por isso que os relatos de memória nunca serão únicos ou universais, a maneira como as lembranças são revisitadas depende do lugar da vivência e das relações estabelecidas com essa recordação. Neste sentido, a memória, individual ou coletiva, será sempre constantemente mutável.

Em sua Teoria da Memória Coletiva, Halbwachs também dá grande ênfase à dimensão espacial da memória. Ou seja, o espaço geográfico funciona como referencial da memória individual e coletiva. A materialidade das práticas grupais encontra concretude no

ambiente, as ações sociais ganham ordenamento no espaço, e este é afetado e afeta os grupos, conseqüentemente, esta dialética também pode traduzir-se no movimento da memória coletiva (OLIVEIRA, 2019).

Levando em conta a ideia da coletividade do conceito, considerar o grupo no qual a memória se constitui se faz preciso. Toda memória coletiva se desenvolve a partir de um grupo de referência, o qual o indivíduo já fez parte ou estabeleceu uma identificação, este grupo é necessariamente afetivo e exerce a função de testemunha e intérprete das experiências em comum.

Na produção da memória coletiva é necessário que haja uma relação consensual de suspensão dos aspectos mnemônicos divergentes. Ou seja, é preciso que os participantes do grupo acordem com uma narrativa comum que será construída e potencializada a partir do que é único e diverso de cada integrante do grupo. Oliveira e Bertoni, em 2019, apresentam a memória coletiva como “*uma relação em que o uno se manifesta no diverso*”. Sendo assim é reafirmado o elemento de (re)construção coletiva de um passado que foi elaborado grupalmente e se perpetua no presente por meio das relações dos sujeitos com os grupos afetivos.

Um conjunto de lembranças, uma memória, seriam a construção social do grupo em que o sujeito vive somado a elementos de escolha e rejeição ao que será lembrado. Contudo, o grupo não precisa estar sempre presente para a memória se desenvolver, Schmidt e Mahfoud (1993) assinalam que “*a vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança*”. Portanto, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso”. Ou seja, é o afeto que sustenta a presença e o não o oposto.

A permanência do apego afetivo na comunidade é o que dá consistência às lembranças, em contrapartida, o desapego se conecta ao esquecimento. No desapego não há lembrança, não há reconhecimento, presentificação ou memória. Halbwachs (1990) assinala que “*esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodearam*”. Assim sendo, rememorar acaba por depender do tecido social então presente no discurso.

A dificuldade do trabalho com a memória reside, porém, em sua volatilidade e subjetividade, afinal, a memória se funda também a partir de uma construção do tempo, e não há nada que seja tão móvel e fluido quanto o tempo. Ele não flui de forma uniforme e não é o

mesmo para todos. Cada classe social, cada sociedade, cada geração e cada sujeito vive o tempo de forma exclusivamente única. Esta constatação faz do tempo um objeto praticamente impossível de ser acessado em sua plenitude, é tão inviável apreendê-lo como é inviável apreender a subjetividade do outro.

Ecléa Bosi em seu livro “Memória de Velhos” (1979) descreve a memória como um “trabalho sobre o tempo e no tempo”, trazendo portanto uma dimensão diferente para este tema, a memória não é apenas um recurso humano mas também um trabalho humano, algo que se desdobra e se estabelece em uma tríade “memória-trabalho-velhice.

Quando a autora articula esta ideia da memória como um trabalho da velhice, ela também sustenta a importância de que a memória e o envelhecimento sejam aspectos que caminhem juntos. Bosi (1979) conclui que a função social do velho é unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir, isso tudo a partir do ato de lembrar. Isto é, os velhos seriam a essência da cultura, da história humana, o ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara.

Por outro lado, na sociedade capitalista a lembrança dos velhos é impedida, desvalorizada, há somente a busca pelo braço servil e a recusa de todo e qualquer conselho advindo deste grupo. Dessa forma, a opressão à velhice se dá a partir da expropriação do direito à memória e sua consequente produção prematura da senilidade. Retira-se do sujeito o direito de lembrar e compartilhar sua história, ao mesmo tempo que retira-se do sujeito o direito de ser, existir.

Se a teoria de Bosi for transportada para os tempos atuais, a questão que surge é: ainda faz sentido valorizar a memória como o trabalho do velho? O desenvolvimento exponencial de tecnologias na contemporaneidade tiram a importância da memória, não apenas para o velho, mas talvez para toda a sociedade. De que serve um sujeito, ou um coletivo, investir no trabalho da memória se há dispositivos eletrônicos que podem desenvolver essa mesma função sem o risco de esquecimento? Estas questões podem trazer confusão se pensarmos na memória como um mecanismo de depósito de lembranças, como se configura uma nuvem virtual, por exemplo, porém, é importante reforçar que a memória descrita neste estudo é aquela que é constitutiva do sujeito, que torna capaz a construção da subjetividade e dos discursos e narrativas acerca de si.

Valorizar a memória ainda apresenta-se como uma atividade essencial, ela não apenas reconstitui o sujeito como ele é, como também fortalece os laços do coletivo desenvolvendo potência grupal e até possibilidades de restituição da figura laboriosa da velhice. A valorização da memória, coletiva ou individual, tem o poder de reconhecer o trabalho da rememoração, principalmente dos velhos, algo que é capaz de retornar algum valor para essa população que se encontra sempre negligenciada.

Capítulo 3

Doença de Alzheimer E A Psicologia

A Doença de Alzheimer é tipicamente caracterizada por uma mudança em torno da percepção, do pensamento, do humor e do comportamento dos sujeitos com a doença, segundo Cardoso e Netto (2016). Ela causa uma perda expressiva da funcionalidade do sujeito que a tem, o que acarreta em uma sobrecarga emocional e física dos agentes envolvidos no cuidado, familiares e/ou cuidadores no geral, além de uma alta taxa de institucionalização.

Como assinalam Cardoso e Netto, na Doença de Alzheimer, os principais sintomas comportamentais e psicológicos da demência são: repetição, “*apatia, disforia, irritabilidade, agitação/agressividade, ansiedade, alterações do sono e a depressão*” (2016, p. 60). Segundo dados da Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAZ), a Doença de Alzheimer representa a síndrome demencial mais predominante do mundo, aproximadamente 35,6 milhões de pessoas estão acometidas por ela. No Brasil o número é também significativo, estima-se que há cerca de 1,2 milhão de casos, embora nem todos tenham sido devidamente diagnosticados.

A realização do diagnóstico, como descreve Frota et al. (2011), se dá a partir de testes laboratoriais, que buscam investigar a presença de biomarcadores que sinalizem a patogenia ou presença de mutação genética causadora da doença, e de exames de neuroimagem, como tomografias e ressonância magnética do crânio. Os autores também apresentam alguns aspectos clínicos que auxiliam na realização do diagnóstico como: um início lento e capcioso que pode levar meses ou anos, uma história clara de piora cognitiva progressiva, sendo recomendadas uma avaliação clínica mais detalhada e observativa, e presença de déficits cognitivos iniciais em pelo menos uma das seguintes funções: memória, linguagem, função viso-espacial e função executiva.

O tratamento da Doença de Alzheimer, por outro lado, está majoritariamente ancorado nas abordagens farmacológicas, a doença ainda não tem cura, mas o tratamento tem o objetivo principal de melhoria da qualidade de vida da pessoa acometida pela doença e a tentativa de desaceleração da progressão da mesma. Como apresenta Cardoso e Netto (2016), as abordagens não farmacológicas de tratamento para o Alzheimer são bastante recentes e têm tido mais evidência nos últimos 30 anos. A indicação do tratamento não farmacológico é que este deve preceder a administração de medicamentos, optando-se por, num primeiro

momento, pela orientação e o treinamento do agente cuidador. Posteriormente, pode haver uma combinação entre os tratamentos farmacológicos e os não-farmacológicos. Porém, é importante considerar que há uma carência de estudos que comprovem a eficácia clínica das terapias não farmacológicas, por isso elas ainda são questionadas e se encontram em processo de avaliação.

De todo modo, é essencial ter em mente que o tratamento da Doença deve ser multidisciplinar. A demanda inicial e óbvia é de natureza médica, considerando as alterações neurofisiológicas que acompanham a doença, mas elas também exigem uma intervenção de outros profissionais da área da saúde, como cuidadores, enfermeiras e psicólogas além do trabalho com arte, que tem se mostrado de grande valor terapêutico.

Neste sentido, é possível observar como a Psicologia tem um papel a ser desempenhado no tratamento da pessoa com Doença de Alzheimer, seja por meio do cuidado e instrumentalização dos agentes cuidadores, ou pelo foco nas vicissitudes subjetivas relacionadas ao discurso repetitivo do idoso com Doença de Alzheimer. Há aspectos neurocognitivos nestes processos de vício e repetição, bem como há a necessidade de olhar para esses sintomas buscando seu sentido. O fenômeno da repetição e da produção do discurso da pessoa que perdeu seu acesso à memória individual requer escuta e demanda articulação entre o saber médico e o saber psicológico.

O fato da Doença de Alzheimer acometer principalmente idosos, traz uma perspectiva, já mencionada no capítulo anterior, de que esse segmento vem a cada dia ocupando novos papéis nos âmbitos sociais e familiares. Essa nova posição social e individual também desenha no sujeito uma nova identidade subjetiva. A velhice, por si só, já inscreve no corpo do sujeito perdas advindas da passagem do tempo, assim como apresenta ao sujeito um futuro que se reduz a cada dia e a ideia da morte passa a apoderar-se. Ecléa Bosi (1979) já nomeava este retorno ao passado como uma função dos velhos, agora pode-se entender que com um futuro estreito, esse retorno se coloca como questão de sobrevivência. Se este velho não pode ser futuro, que seja passado.

Nas demências, a aceleração abrupta dos comprometimentos cognitivos e dos lutos impossíveis que os sucedem, promovem o que podemos nomear como um progressivo desmoronamento do eu, impondo um sofrimento impossível de ser metabolizado ou elaborado que é o da própria finitude (GOLDFARB, 2004). Por outro lado, Cardoso e Netto (2016, pg. 66) em “*Considerações sobre a repetição da linguagem no idoso com Alzheimer: uma perspectiva psicanalítica*” trazem uma hipótese muito importante: “*mesmo estando*

tolhidos em várias das suas capacidades cognitivas, funcionais e produtivas, os pacientes com DA não se tornam completamente desapropriados em sua subjetividade”.

Apreender as marcas da subjetividade que existem, mesmo atropeladas pelas nítidas marcas inscritas pelo Alzheimer, não é uma tarefa simples, mas é necessária. É preciso produzir uma escuta atenta do sujeito acometido pela Doença de Alzheimer, esta tem a potência de preservar essas pessoas na função libertadora e socializante da linguagem, que como dito anteriormente tem seu valor e sentido mesmo na doença.

É na escuta dos pensamentos, dos afetos, das emoções, dos conteúdos das lembranças, dos lutos impossíveis e da especial significação dos esquecimentos e das repetições que reside a relevância dos profissionais da psicologia no tratamento com a pessoa acometida pela Doença de Alzheimer. A medicina e a farmacologia não acessam esses aspectos, a medicina consegue apenas captar as perturbações morfológicas e funcionais no substrato neurológico (GOLDFARB, 2004). Se hoje o tratamento tem o objetivo principal de melhoria da qualidade de vida da pessoa com Alzheimer, a Psicologia certamente pode atuar neste sentido.

Por fim, é importante considerar que a escuta psicológica tem um efeito reparador e estimulante naquele que cuida e que precisa estabelecer um vínculo com o idoso, já que este precisará progressivamente de mais cuidados. Levar em conta esses aspectos, nos dá dados a respeito do valor de um trabalho articulado e multidisciplinar para a Doença de Alzheimer, bem como da responsabilidade da Psicologia no cuidado da população acometida pela doença.

Capítulo 4

A Importância da Memória Coletiva na Vivência do Sujeito com Doença de Alzheimer

O fenômeno da memória, de forma geral, está carregado de palavras tido como positivas: conservação, construção, produção coletiva/individual, potência de identificação, entre outras, enquanto que o esquecimento - visto como o oposto de memória - está tolhido de valor. Ivan Izquierdo (2018) coloca a necessidade da existência de um grau de esquecimento nos sujeitos para que possamos ter uma vida útil, o esquecimento se faz necessário na medida em que precisa-se pensar sobre coisas novas, fazer generalizações ou desenvolver qualquer atividade cognitiva. É preciso esquecer para lembrar, Izquierdo expõe que *“É difícil conceber a criação sem esquecimento; o esquecimento diferencia a criação da clonagem”* (p. 103).

Ao considerar a vivência do sujeito com Alzheimer, o fenômeno do esquecimento é o mais presente, não pelo esquecimento em sua forma pura, mas pela perda do acesso à memória individual. Se é difícil conceber a criação sem esquecimento, qual criação o esquecimento produz? Qual a produção de um sujeito que perdeu o acesso a sua memória individual devido a doença de Alzheimer?

As questões são complexas, mas o conceito de memória coletiva, inserido na experiência dos sujeitos com Alzheimer, pode ousar respondê-las. Na medida em que a memória individual falha, a memória coletiva vem para firmar o sujeito em sua singularidade e marcar como as memórias estão no entorno e não apenas nos sujeitos. A construção social da memória possibilita que esse esquecimento individual não afete a vida do sujeito por completo, a lembrança coletiva sobre os eventos e histórias daquele que já não se lembra mais contribuem para que os impactos da perda da memória sejam diminuídos.

Além de constitutiva do sujeito e das identidades coletivas, a memória tem função de sobrevivência, ela se faz fundamental na medida em que situações de perigo ou de atentado à vida são lembradas, e portanto, não repetidas. Nessa perspectiva, percebe-se como não é à toa que o sujeito com Doença de Alzheimer viva um ciclo de vício e repetição, há aspectos neurocognitivos nestes processos, mas há também a perda desta função de sobrevivência.

Mesmo impotentes em várias das suas capacidades cognitivas, funcionais e produtivas, os sujeitos com Doença de Alzheimer não estão desapropriados em sua

subjetividade, não apenas pelo fato dos sujeitos não se constituírem apenas de presente mas pelo fato de que a subjetividade é construída por uma memória que não é apenas individual.

Ivan Izquierdo, em seus estudos e construções sobre memória aponta “*Memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro quem sou)*” (2018, p. 89), ao pensarmos na memória coletiva e sua possibilidade de produzir mundos, narrativas e identidades grupais, é possível parafrasear Izquierdo e dizer que “sou quem sou porque me lembro quem sou, mas também porque se lembram por mim”. Considerar o outro como parte de nossa constituição não é algo novo, a Psicologia tem pensado sobre isso há anos, o que se mostra inédito é a potência que outro pode ter na vida do sujeito com Alzheimer, sendo este outro não apenas um agente de cuidado, mas sim um agente produtor de memória, e portanto, subjetividade.

Um aspecto importante sobre a produção da memória coletiva é a narrativa da mesma, as histórias de vida narradas. A memória conserva o passado através das imagens ou representações que podem ser evocadas, e esta evocação passa imperiosamente pela construção de narrativas. Independente da construção da narrativa de memória ser individual ou coletiva, as histórias narradas possibilitam que a vida, o amor, as perdas, os ganhos e as experiências sejam preservadas nas palavras e discursos coletivos.

As informações e lembranças a respeito de um indivíduo que começam a ser construídas e acumuladas desde o período intra-uterino, possibilitam a constituição de uma identidade e de uma continuidade do sujeito. Essas lembranças são e serão sempre individuais e coletivas.

É importante perceber como a construção e repetição das narrativas sobre os indivíduos, que são perpetuadas nos discursos, não buscam a recuperação de um passado tal como foi vivido, mas possibilitam algum tipo de resgate deste por meio de uma interpretação. Nesse sentido, há perdas neste processo. A produção de memórias não é infalível, e o sujeito que se constitui como sujeito pelas memórias coletivas não será o mesmo que era, mas algo há de ficar e, mesmo com perdas, essa produção é de grande valor.

As memórias compartilhadas constituem sujeitos e permitem um sentido de pertencimento e de continuidade da vida humana. Ao lembrarmos e contarmos as histórias, as nossas experiências, desejos e necessidades ficam registradas. Atestar isso demonstra a importância expressiva de que as histórias de vida dos sujeitos que vivem com Alzheimer sejam lembradas e compartilhadas. A pessoa com a Doença talvez não seja capaz de lembrar quem foi, o que fez, o que gosta e o que não gosta, mas tendo em vista que as pessoas ao

redor podem emprestar das próprias vozes para contar essas histórias por eles, esses desejos e vivências continuam a existir.

Em sua tese de doutorado, a psicóloga Katia Saraiva (2020) discorre sobre a força das narrativas na construção do sujeito. Segundo a autora, a elaboração das histórias sobre si, as autobiografias, desempenham um papel essencial na construção e na reconstrução de si mesmo. As narrativas de vida, principalmente entre diferentes gerações, podem inclusive configurar a construção de um processo de relações intergeracionais. O passado e o presente se encontram através das narrativas coletivas compartilhadas.

Com isso, é possível identificar a importância da memória coletiva na vivência do sujeito que sofre com Doença de Alzheimer. O movimento de produção e partilha das memórias traz a possibilidade daquele sujeito que não sabe mais quem é, ainda existir dentro de um grupo. Além disso, alivia e dá significação ao sofrimento dos familiares e cuidadores. As mudanças comportamentais e psíquicas vividas por aquele que sofre com Alzheimer têm impactos sociais significativos. Poder pensar em uma construção coletiva que valoriza o sujeito e o papel de cada um nesse processo é importante, e merece o investimento, principalmente da Psicologia.

Neste sentido, seria possível pensar em uma terapêutica a partir da produção e compartilhamento de memórias coletivas. Elas podem fazer com que aquele sujeito que está em um processo neurológico degenerativo ainda possa se lembrar de sua história pela narrativa das pessoas ao redor, de forma que o ambiente possa contribuir para a manutenção da subjetividade.

Considerações Finais

A partir da revisão bibliográfica de artigos produzidos entre 2015 e 2021 a respeito da Doença de Alzheimer e do conceito de memória coletiva, verifica-se a carência de produções que entrelaçam os dois temas. Os estudos na área da psicologia que tangenciam esta articulação estão preocupados em pensar e discutir acerca dos sintomas orgânicos da doença de Alzheimer bem como suas formas de tratamento possíveis dentro da área psi. Compreende-se que o trabalho em grupos e com arte, como música ou outras atividades manuais, são benéficos tanto para os sujeitos que vivem com a doença, como para seus cuidadores.

No que tange o tema da memória coletiva os artigos encontrados são ínfimos, pouco tem se falado deste objeto e não há articulações deste com a Doença de Alzheimer. Por que a Psicologia não está interessada em estudar e pensar sobre a potência da memória coletiva na vivência das pessoas com Doença de Alzheimer?

A Doença de Alzheimer é uma demência extremamente presente no mundo e tem seus efeitos orgânicos amplamente estudados, a indústria farmacêutica tem se ocupado altamente de produzir tratamentos medicamentosos para retardar ou reverter os impactos que a doença causa no sujeito. Por outro lado, a psicologia tem buscado tratamentos alternativos aos medicamentos, podendo olhar também para os efeitos sociais que a doença causa nos familiares e agentes de cuidado. Observa-se, porém, a falta de um olhar para subjetividade daquele que vivencia a perda de sua memória individual de forma progressiva. Quem é o sujeito que fica? Quem é o sujeito que vai? Aquele que não sabe quem é a si mesmo, ainda é sujeito? Questões que ainda não têm respostas.

A vivência com uma pessoa próxima com Doença de Alzheimer me fez perceber, antes sem arcabouço teórico, de que há algo que permanece mesmo com a perda da memória individual. Fui evidenciando como o sujeito que eu conhecia estava indo embora mas ele era construído e reconstruído cotidianamente, através das memórias coletivas ou mesmo expectativas que tínhamos acerca daquele que se esquecia de si.

Contar histórias e relembrar memórias foram se tornando práticas comuns na família, um exercício para que aquele que se esqueceu pudesse lembrar, mas também um exercício para que as memórias compartilhadas pudessem agarrar-se e fixar-se no tempo presente. Esse exercício produzia uma constatação de que aquele que não sabe quem é, ainda é. O que o sujeito é hoje não anula o que ele foi e viveu, pelo contrário, agrega.

Compreender a memória coletiva como recurso essencial para a continuidade dos sujeitos, das histórias e da experiência nos traz a perspectiva de que a memória não está nos sujeitos, mas fora deles, no ambiente, nas narrativas coletivas. E para além disso, é possível afirmar como os sujeitos não são apenas, pois lembram-se de quem são, as lembranças dos outros ao redor também são formadoras dos sujeitos.

A experiência pessoal deu abertura para a reflexão, mas Halbwachs, Bosi, Izquierdo dão sustentação à hipótese. A memória tem valor elementar na vida humana. Individual e coletivamente, a construção e compartilhamentos de memória produz mundos e subjetividades para qualquer indivíduo, ainda mais para quem não tem mais acesso a sua memória individual, como é o caso de quem vive com Alzheimer.

O presente estudo é um começo na vida desta pesquisadora que escreve, é o início de uma reflexão. Ainda é preciso compreender os impactos clínicos que o investimento na produção da memória coletiva pode causar nos sujeitos com Alzheimer. Um estudo de caso também poderia ilustrar de forma mais ampla a importância da memória coletiva na vida desses sujeitos.

Além disso, algo que se faz imprescindível é pensar em estratégias que viabilizem a terapêutica da valorização da memória coletiva no tratamento de pessoas com Alzheimer. Incentivar, produzir e compartilhar memórias acerca daquele que já se esqueceu tem uma potência terapêutica tanto para quem cuida quanto para aquele que ainda se encontra ali, apesar da perda da memória. É essencial que a psicologia possa continuar a pensar em estratégias alternativas no tratamento das pessoas com Alzheimer já que a medicina e a farmacêutica já tem se ocupado disso há tanto tempo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Marcos Henrique; MORE, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. **Aposentadoria, saúde do idoso e saúde do trabalhador: revisão integrativa da produção brasileira.** *Rev. Psicol., Organ. Trab.*, Brasília , v. 16, n. 3, p. 248-258, set. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572016000300004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 jun. 2021. <http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2016.3.681>.

ASBRAN. OMS revê CID-11 e vai retirar classificação de velhice como doença. Disponível em: [https://www.asbran.org.br/noticias/oms-reve-cid-11-e-vai-retirar-classificacao-de-velhice-como-doenca#:~:text=Postado%20em%2015%2F12%2F2021,Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20\(OMS\)](https://www.asbran.org.br/noticias/oms-reve-cid-11-e-vai-retirar-classificacao-de-velhice-como-doenca#:~:text=Postado%20em%2015%2F12%2F2021,Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20(OMS)). Acesso em 03 de junho. 2022.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

BOSI, Ecléa. **A pesquisa em memória social.** *Psicol. USP*, São Paulo , v. 4, n. 1-2, p. 277-284, 1993 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 set. 2021.

CARDOSO, Sylvana; DINIZ NETO, Orestes. **Considerações sobre a repetição da linguagem no idoso com Alzheimer: uma perspectiva psicanalítica.** *Rev. Subj.*, Fortaleza , v. 16, n. 3, p. 58-69, dez. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 mar. 2022. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.3.58-69>.

CARONE, Marilene; FREUD, Sigmund. 1985: **luto e melancolia.** *J. psicanal.*, São Paulo , v. 49, n. 90, p. 207-224, jun. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352016000100016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 maio 2021.

FREUD, S. **A transitoriedade** [1916] In: _____. *Obras completas.* Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v.12.

FREUD, S. (1915a/2004). **O Recalque.** In S. Freud, *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, Vol. 1: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (pp. 175-193). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

FREUD, S. (2004). **Introdução ao narcisismo**. In: S. Freud. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (Vol. 1, pp. 95-131). (L. A. Hans, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).

GONCALVES, Endy-Ara Gouvea; CARMO, João dos Santos. **Diagnóstico da doença de Alzheimer na população brasileira: um levantamento bibliográfico**. *Rev. Psicol. Saúde*, Campo Grande , v. 4, n. 2, p. 170-176, dez. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2012000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 jun. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

IZQUIERDO, Ivan. **Memórias**. *Estudos Avançados* [online]. 1989, v. 3, n. 6 [Acessado 12 Maio 2022] , pp. 89-112. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141989000200006>>. Epub 22 Mar 2006. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141989000200006>.

KALACHE, Alexandre; UEHARA, Carlos André. **Queremos morrer velhos, mas não 'de velhice'**: Tratar velhice como doença é erro que alimenta utopia da juventude eterna. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2020/08/queremos-morrer-velhos-mas-nao-de-velhice.shtml>. Acesso em: 11 jun. 2021.

MACHADO, J. C. **Doença de Alzheimer**. In: FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 178-214.

MAGALHAES, Belmira; MARIANI, Bethania. **Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente**. *Ling. (dis)curso (Impr.)*, Tubarão , v. 10, n. 2, p. 391-408, ago. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322010000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 maio 2021.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. **Revisitando o conceito de eu em Freud**: da identidade à alteridade. 2009. 15 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Uerj, Belo Horizonte, 2009.

Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a18.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2021.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Assembleia Geral da ONU declara 2021-2030 como Década do Envelhecimento Saudável. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/105264-assembleia-geral-da-onu-declara-2021-2030-como-decada-do-envelhecimento-saudavel>. Acesso em 28 de abril.2021.

OLIVEIRA, Janderson Carneiro de; BERTONI, Luci Mara. **Memória coletiva e teoria das representações sociais: confluências teórico-conceituais**. Gerais, Rev. Interinst. Psicol., Belo Horizonte , v. 12, n. 2, p. 244-262, dez. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202019000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 nov. 2021. <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019120205>.

SARAIVA, Kátia Maria Pacheco. **TEMPOS DE TESSITURAS INTERGERACIONAIS: uma reflexão sobre o projeto de extensão "Sacudindo a Memória"**. 2020. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. Psicol. USP, São Paulo , v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 set. 2021.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (Brasil) (org.). **Velhice não é doença**. 2021. Disponível em: <https://sbgg.org.br/cid11-entrara-em-vigor-em-2022/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA DE FAMÍLIA E COMUNIDADE (Brasil). Associação Médica Brasileira e Agência Nacional de Saúde Complementar. **Doença de Alzheimer: diagnóstico**. -: Associação Médica Brasileira e Agência Nacional de Saúde Complementar, 2011. Disponível em: https://diretrizes.amb.org.br/ans/doenca_de_alzheimer-diagnostico.pdf. Acesso em: 3 jun. 2021.

STENNER, Andréia da Silva. **A identificação e a constituição do sujeito**. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 24, n. 2, p. 54-59, jun. 2004 . Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 maio 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION 2021. Global Report on Ageism. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/dspd/wpcontent/uploads/sites/22/2021/03/9789240016866-eng.pdf>. Acesso em 28 de abril.2021.

APÊNDICE

Quadro 1. Artigos sobre Formas de Cuidado e Terapias da Doença de Alzheimer levantados entre 2015 e 2021.

Palavra Chave	Título	Resumo	Ano de Publicação	Autores
Alzheimer	Alzheimer, sintomas e grupos: uma revisão integrativa	O Alzheimer é uma doença neurodegenerativa que prejudica a cognição e memória, além das habilidades motoras dos portadores. Para atender as necessidades dos pacientes e garantir melhor qualidade de vida, esta doença requer cuidados específicos. O objetivo deste trabalho foi levantar as produções científicas em relação ao Alzheimer, sintomas e intervenções em grupo no período de 2011 a 2016. A metodologia consistiu em uma revisão integrativa nos periódicos PUBmed, BVsalud, Scielo e CAPES. Foi realizado o levantamento das palavras "Alzheimer", "sintomas" e "grupos", combinadas entre si, verificando as pesquisas produzidas na área no período. A análise foi realizada quantitativamente e qualitativamente integrando o resultado das produções primárias com a indexação do novo material. Quanto aos resultados, foram encontrados nove resumos de artigos científicos, vinte e cinco artigos completos e uma monografia, totalizando trinta e cinco produções. Entre elas sete estão em inglês e três em espanhol. Ambas abordaram a doença de Alzheimer e sintomas, bem como modelos de intervenções como grupos de apoio, viabilizando melhorar a qualidade de vida entre os pacientes neurodegenerativos e seus cuidadores.	2017	Liandra Aparecida Orlando Caetano ¹ ; Felipe Santos da Silva ² ; Cláudia Alexandra Bolela Silveira ³
Alzheimer	Cuidadores informais de familiares com Alzheimer: vivências e significados em homens	Em face ao aumento da população idosa, o pequeno número de cuidadores homens informais na assistência ao paciente com a doença de Alzheimer (DA) demanda estudos científicos para compreender a dinâmica e o funcionamento do cuidado. Este estudo objetivou caracterizar os cuidadores informais e identificar as motivações, o contexto e o nível de sobrecarga do cuidador na relação com o paciente e a família. Os instrumentos foram: (a) um questionário sociodemográfico, para identificar o perfil do cuidador; (b) a realização de entrevistas semiestruturadas; e (c) o protocolo Zarit Burden Interview (ZBI). Os participantes foram selecionados no banco de dados dos cuidadores e acompanhantes dos pacientes de Alzheimer na Unidade Mista de Saúde de Taguatinga (DF) (UMT). O protocolo corroborou com o estado da arte e apontou níveis moderados de sobrecarga. As transcrições das narrativas foram agrupadas e interpretadas nas categorias contexto, motivações, vivências diante do papel de cuidar e cuidador	2018	Marcos Lameira Moreira ^I ; Julia S.N.F. Bucher-Maluschke ^{II} ; Jonas Carvalho e Silva ^{II} ; Deusivania Vieira da S. Falcão ^{III}

		homem. Constatou-se que a DA provoca mudanças na rotina que podem acarretar inflexibilidade no tempo. O apoio da família, dos amigos e a reciprocidade simbólica de gratidão entre o paciente e cuidador facilitam o trabalho.		
Alzheimer	A intervenção grupal e o uso da arte como ferramentas produtivas para pessoas com Alzheimer	O Alzheimer é uma doença neurodegenerativa que prejudica a cognição, memória e habilidades motoras do indivíduo. O objetivo desse estudo verificou benefícios da intervenção grupal e interdisciplinar, propiciando qualidade de vida para pessoas com Alzheimer. Trata-se de uma pesquisa de campo que constituiu na intervenção psicológica grupal alcançando pessoas com Alzheimer em instituição de acolhimento para idosos. Realizou-se 10 encontros, semanalmente com os usuários, houve observação, registros de diário e materiais de arte. O projeto foi aprovado pelo CEP: 80950417.5.0000.5495 da universidade local. As categorias de análise foram: participação ativa; recusa; dificuldades motoras; auditivas; de interação; memória e diálogo. Os resultados confirmaram a hipótese inicial da intervenção em grupo interdisciplinar possibilitar melhora na qualidade de vida de pessoas com Alzheimer.	2019	Felipe Santos da SilvaI; Liandra Aparecida Orlando CaetanoII; Claudia Alexandra Bolela SilveiraIII; Camila Rodrigues Alves JunqueiraIV
Alzheimer	A música como agente terapêutico no tratamento da Doença de Alzheimer	A Doença de Alzheimer (DA), causa mais comum de demência (transtorno neurocognitivo maior), ocupa maior espaço na medida em que a sociedade envelhece. Estudos demonstram que o olhar biomédico e a utilização de fármacos, muitas vezes, não abarcam os problemas decorrentes da doença. E, a busca por alternativas outras que não o medicamento e exclusão do doente são promissoras. É nessa finalidade que o presente trabalho se propõe: discorrer acerca da influência da música como potencial terapêutico para pacientes com Alzheimer. Para tanto, objetivou-se revisar estudos mais recentes sobre a temática e propor possíveis reflexões que possam colaborar com o maior entendimento da terapêutica musical na DA.	2021	Heloisa Passos e MartinsI; Laura Cristina de Toledo QuadrosII

Quadro 2. Artigos sobre Visões Psicanalíticas da Doença de Alzheimer levantados entre 2015 e 2021.

Palavra Chave	Título	Resumo	Ano de Publicação	Autores
---------------	--------	--------	-------------------	---------

Alzheimer	Considerações sobre a repetição da linguagem no idoso com Alzheimer: uma perspectiva psicanalítica	<p>O artigo propõe articular o fenômeno da repetição, em uma perspectiva psicanalítica, ao discurso repetitivo característico dos pacientes com doença de Alzheimer (DA), considerando os correlatos neurocognitivos desse processo. Trata-se de um estudo teórico exploratório. Metodologicamente, realizou-se uma busca de artigos nas bases de dados PsycINFO (APA), SciELO e PePSIC com os seguintes descritores: Alzheimer e Psicanálise; Alzheimer e Psicodinâmica; Alzheimer e repetição à compulsão; e também em inglês (Alzheimer and psychoanalysis; Alzheimer and psychodynamic; e Alzheimer and repetition compulsion). Encontrou-se apenas sete artigos que se aproximaram do tema deste trabalho dentro dos critérios de inclusão: artigos disponibilizados na íntegra e gratuitamente na base de dados, e artigos escritos nos idiomas português ou inglês. Não foram encontrados artigos em português. Foram ainda consultadas obras consagradas da Psicanálise, especialmente da corrente teórica freudiana. Uma interlocução entre a Psicanálise e as Neurociências é proposta, a fim de considerar a relação que o sujeito estabelece com sua doença, sem com isso negligenciar os aspectos fisiológicos e cognitivos caros ao processo de demenciação na DA. Entende-se que o discurso repetitivo do idoso pode servir-lhe como uma tentativa de manutenção da identidade subjetiva ao longo do tempo. Impõe-se o desafio da sustentação de uma escuta que favoreça a preservação do sujeito demenciado nas funções socializante e libertadora da linguagem. A restrição de estudos específicos sobre o fenômeno da repetição vinculada à discussão psicanalítica sobre o envelhecimento humano foi uma limitação para este estudo. Aponta-se a necessidade de elaborações teóricas mais profundas, ancoradas em ensaios clínicos mais amplos acerca do tema.</p>	2016	Sylvana CardosoI; Orestes Diniz Neto
Alzheimer	A Psicanálise e as Singularidades de um Caso de Constipação	<p>Este artigo trata de um estudo de caso de um homem adulto que sofre da Síndrome do Intestino Irritável (SII) e que trouxe como sintoma principal a constipação. Entretanto, é necessário destacar que não se objetiva, aqui, discutir especificamente as questões referentes à SII, e sim apresentar as discussões das particularidades de um caso clínico, submetido à escuta psicanalítica, valorizando um dispositivo fundamental para a construção teórico e clínica da Psicanálise: o estudo de caso. O fato da mãe do paciente sofrer de Alzheimer e morar com ele é vivido com extrema ambivalência, e o seu mal-estar é constantemente associado à dificuldade em "suportar" algumas situações. Com base na literatura psicanalítica que discutem casos</p>	2017	Iagor Brum Leitão

		de constipação e nas questões que circundam o caso aqui em questão, discute-se a hipótese de uma relação entre constipação e ambivalência nas relações familiares, especialmente na relação com o Outro materno. Conclui-se que os sintomas de constipação do paciente expressam a condição em que se privilegia, na fantasia, uma mãe cujo pathos a coloca em uma posição de demanda tal qual na fase anal, em que há a demanda das fezes. Porque a demanda é sentida como excessiva, tem-se como resposta a recusa.		
--	--	---	--	--

Quadro 3. Artigos sobre Visões Orgânicas/Neurológicas da Doença de Alzheimer levantados entre 2015 e 2021.

Palavra Chave	Título	Resumo	Ano de Publicação	Autores
Alzheimer	Perfis neuropsicológicos do Comprometimento Cognitivo Leve no envelhecimento (CCL)	Identificar a fase pré-clínica da demência é fundamental para o planejamento de intervenções clínicas e neurocognitivas precoces. Objetivo: Investigar o papel da avaliação neuropsicológica na definição do conceito de Comprometimento Cognitivo Leve (CCL) e identificar seus perfis neuropsicológicos baseados no uso de um algoritmo cognitivo. Método: Foram avaliados 88 idosos atendidos em um hospital do Rio de Janeiro. Todos os pacientes foram classificados como CCL a partir da avaliação geriátrica e de seu desempenho na Bateria Breve de Rastreio Cognitivo (BBRC). Idosos diagnosticados com demência pela equipe médica foram excluídos do estudo. A fim de discutir o papel da avaliação neuropsicológica no conceito de CCL, os pacientes foram avaliados pela Escala Mattis de Avaliação de Demência (EMAD) e pelo Teste de Aprendizagem Auditivo-Verbal de Rey (TAAVR). Um algoritmo cognitivo foi proposto e os idosos com CCL foram classificados nos seguintes perfis neuropsicológicos: 1) preservação das funções cognitivas (normal), 2) amnésico único domínio, 3) amnésico múltiplos domínios, 4) não-amnésico e 5) amnésico múltiplos domínios prejudicando o funcionamento cognitivo global (Doença de Alzheimer – DA). Resultados: O perfil neuropsicológico DA (33%) e não-amnésico (33%) foram os mais frequentes seguidos dos amnésicos (20%) e normal (14%). O perfil DA apresentou comprometimento na EMAD Total, bem como em todas as outras subescalas da EMAD e variáveis do TAAVR, o perfil não-amnésico comprometimento predominante da EMAD Construção e o amnésico comprometimento da EMAD Memória e Evocação Livre após intervalo TAAVR A7. As variáveis que melhor discriminam os perfis foram A7 e EMAD Construção, de acordo com a ANOVA seguida por post-hoc Bonferroni. Conclusão: Estes resultados	2015	Eduarda Naidel Barboza e BarbosaI; Camila de Assis FariaI; Heloisa Veiga Dias AlvesI; Daniele Aguiar LimaII; Regina NovaesII; Helenice Charchat FichmanI

		<p>indicam que apesar de todos os idosos apresentarem diagnóstico de CCL, os perfis neuropsicológicos variam com o uso de uma avaliação neuropsicológica compreensiva padronizada e normatizada para idade e escolaridade. A definição de um algoritmo específico e a escolha dos testes cognitivos podem contribuir para a identificação de diferentes padrões de perfis neuropsicológicos de CCL e possibilitam discussões sobre a heterogeneidade diagnóstica desta entidade clínica e, conseqüentemente, sobre as diferentes abordagens terapêuticas voltadas para cada perfil neurocognitivo.</p>		
Alzheimer	Impacto da Anosognosia Associada à Demência de Alzheimer na Qualidade de Vida de Cuidadores	<p>A Demência de Alzheimer (DA) apresenta como um dos sintomas a anosognosia, um prejuízo na capacidade de o indivíduo julgar alterações decorrentes da doença. Relaciona-se a diversos comprometimentos cognitivo/comportamentais e é apontada como tendo significativo impacto sobre a qualidade de vida (QV) dos cuidadores. Avaliamos o impacto da anosognosia relacionada à DA sobre QV de cuidadores. Foram avaliados 50 pares paciente-cuidador com Exame Cognitivo de Addenbrooke, Questionário de Demência Ampliado e Escala de QV na DA. Observamos que cuidadores de pacientes com sinais de anosognosia apresentavam menores escores de QV, sendo que pacientes com sinais de anosognosia apresentam pior desempenho cognitivo. Escores de anosognosia e QV apresentaram correlação negativa, enquanto QV e quadro cognitivo apresentou correlação positiva. Controlando o funcionamento cognitivo, observamos que a anosognosia apresenta maior impacto na QV em indivíduos com quadro cognitivo mais grave.</p>	2018	Ricardo Mendes Gomes PereiraI; Wânia Cristina de SouzaII; Marta Kerr PontesIII; Ana Idalina de Paiva SilvaIV
Alzheimer	Acurácia do desempenho funcional em idosos saudáveis, com comprometimento cognitivo leve e doença de Alzheimer	<p>Estabelecer o continuum de declínio cognitivo e funcional no envelhecimento normal para o patológico é desafiador. Nesta transição está o Comprometimento Cognitivo Leve (CCL), definido por prejuízo sutil na cognição e funcionalidade. Quando o prejuízo funcional aumenta preenche critérios para demência. Assim, determinar a acurácia diagnóstica da avaliação funcional é imprescindível. Com isso o objetivo foi comparar o desempenho funcional através da avaliação direta versus indireta e avaliar a acurácia do desempenho destas avaliações entre controles, pacientes com CCL e com doença de Alzheimer (DA). Participaram 90 indivíduos (n=27 controles, n=35 pacientes com CCL e n=28 com DA). Foram utilizadas a Activities of Daily Living Questionnaire (ADL-Q) e a Direct Assessment of Functional Status (DAFS-R). Foram realizadas MANCOVA para comparar o desempenho funcional direto entre os participantes e curvas ROC para verificar a acurácia diagnóstica das escalas entre os grupos. O desempenho da avaliação direta demonstrou diferenciar controles de CCL e CCL de DA. Ambas as escalas mostraram diferenciar CCL e DA, e a DAFS-R controles de CCL. Assim, a DAFS-R evidenciou melhor acurácia do desempenho funcional nestes grupos.</p>	2018	Natalia Lemos FransenI; Maila HolzII; Andressa PereiraIII; Rochele Paz FonsecaIV; Renata KochhannV

Alzheimer	O espectro clínico e laboratorial da doença de Alzheimer: uma perspectiva neurológica	<p>Esta revisão da literatura tem como objetivo mostrar recentes mudanças relacionadas ao diagnóstico da doença de Alzheimer (DA). O diagnóstico permanece clínico, no entanto, há um entendimento crescente de que biomarcadores específicos no líquido cefalorraquidiano e na neuroimagem molecular possam desempenhar um papel importante na definição etiopatogênica da doença. Os biomarcadores podem ser importantes para o diagnóstico nos estágios iniciais da DA. Considerando que a DA seja um processo fisiopatológico cerebral, a presença de biomarcadores específicos indica o diagnóstico de DA. Atualmente, o uso de biomarcadores é direcionado para pesquisa clínica e para o desenvolvimento de novas drogas.</p>	2020	Marcos MoreiraI; Shirlene Vianna MoreiraII
Alzheimer	Biomarcadores no líquido cefalorraquidiano no desenvolvimento da doença de Alzheimer: uma revisão sistemática	<p>Objetivou-se identificar os artigos que analisam os biomarcadores tau total (T-tau), tau fosforilada (P-tau) e beta-amiloide (Aβ) no líquido cefalorraquidiano (LCR) para o desenvolvimento da doença de Alzheimer (DA). Foi realizada uma revisão sistemática aplicando-se uma lógica de pesquisa nas bases de dados PubMed, SciELO e Medline, selecionando artigos conforme os critérios de inclusão e exclusão. Foram avaliados oito estudos clínicos, os quais demonstraram níveis de T-tau e P-tau elevados e níveis diminuídos de Aβ, entretanto nem todos encontraram significância estatística nesses achados. As dosagens dos biomarcadores Aβ, T-tau e P-tau em conjunto apresentam grande potencial diagnóstico no desenvolvimento da DA, contudo mais estudos são necessários para estabelecer valores de corte dos biomarcadores na evolução da doença.</p>	2020	Ariane BillmannI; Marina Ferri PezziniII; Julia PoetaIII

Alzheimer	Síndrome de Down: prevalência da doença de Alzheimer e o papel dos hormônios tireoidianos	<p>A trissomia do cromossomo 21 causa a síndrome de Down (SD) e afeta cerca de um em 700 nascidos vivos nos Estados Unidos e 11,2 em dez mil nascidos vivos na Europa. Por quase um século, o nascimento de indivíduos com SD esteve associado à idade materna avançada, e agora os casos de maternidade tardia estão se tornando mais comuns. A SD é o distúrbio genético mais comum que causa incapacidade intelectual, e os avanços da ciência nos países desenvolvidos possibilitaram que as pessoas afetadas por essa síndrome vivessem mais, mas uma vida útil prolongada trouxe consigo a doença de Alzheimer (DA), que agrava a declínio cognitivo nesses indivíduos. O início da DA ocorre muito mais cedo em indivíduos com SD do que na população em geral. A DA é uma doença neurodegenerativa progressiva grave, que induz a diminuição da capacidade de memória e cognição. Vários genes importantes relacionados à DA são superexpressos na SD por causa do cromossomo extra. A produção de hormônios que são muito importantes para o desenvolvimento do sistema nervoso central, como os hormônios da tireoide, é afetada pela SD. Foi relatado que pacientes com DA apresentam alterações na homeostase dos hormônios da tireoide. Para compreender a DA na SD e tentar encontrar maneiras de melhorar a qualidade de vida desses indivíduos, o entendimento dessas três condições, SD, DA e homeostase do HT, é central para a obtenção de tratamentos eficazes que garantam o bem-estar do paciente.</p>	2020	Gisele GiannoccoI; Andréa Vancetto MaglioneII; Jéssica Salles HenriqueIII; Janaina Sena De SouzaIV
Memória e Alzheimer	Perfis neuropsicológicos do Comprometimento Cognitivo Leve no envelhecimento (CCL)	<p>Identificar a fase pré-clínica da demência é fundamental para o planejamento de intervenções clínicas e neurocognitivas precoces. Objetivo: Investigar o papel da avaliação neuropsicológica na definição do conceito de Comprometimento Cognitivo Leve (CCL) e identificar seus perfis neuropsicológicos baseados no uso de um algoritmo cognitivo. Método: Foram avaliados 88 idosos atendidos em um hospital do Rio de Janeiro. Todos os pacientes foram classificados como CCL a partir da avaliação geriátrica e de seu desempenho na Bateria Breve de Rastreio Cognitivo (BBRC). Idosos diagnosticados com demência pela equipe médica foram excluídos do estudo. A fim de discutir o papel da avaliação neuropsicológica no conceito de CCL, os pacientes foram avaliados pela Escala Mattis de Avaliação de Demência (EMAD) e pelo Teste de Aprendizagem Auditivo-Verbal de Rey (TAAVR). Um algoritmo cognitivo foi proposto e os idosos com CCL foram classificados nos seguintes perfis neuropsicológicos: 1) preservação das funções cognitivas (normal), 2) amnésico único domínio, 3) amnésico múltiplos domínios, 4) não-amnésico e 5) amnésico múltiplos domínios prejudicando o funcionamento cognitivo global (Doença de Alzheimer – DA). Resultados: O perfil neuropsicológico DA (33%) e não-amnésico (33%) foram os mais frequentes seguidos dos amnésicos (20%) e normal (14%). O perfil DA apresentou comprometimento na EMAD Total,</p>	2015	Eduarda Naidel Barboza e BarbosaI; Camila de Assis FariaI; Heloisa Veiga Dias AlvesI; Daniele Aguiar LimaII; Regina NovaesII; Helenice Charchat FichmanI

		<p>bem como em todas as outras subescalas da EMAD e variáveis do TAAVR, o perfil não-amnésico comprometimento predominante da EMAD Construção e o amnésico comprometimento da EMAD Memória e Evocação Livre após intervalo TAAVR A7. As variáveis que melhor discriminam os perfis foram A7 e EMAD Construção, de acordo com a ANOVA seguida por post-hoc Bonferroni. Conclusão: Estes resultados indicam que apesar de todos os idosos apresentarem diagnóstico de CCL, os perfis neuropsicológicos variam com o uso de uma avaliação neuropsicológica compreensiva padronizada e normatizada para idade e escolaridade. A definição de um algoritmo específico e a escolha dos testes cognitivos podem contribuir para a identificação de diferentes padrões de perfis neuropsicológicos de CCL e possibilitam discussões sobre a heterogeneidade diagnóstica desta entidade clínica e, conseqüentemente, sobre as diferentes abordagens terapêuticas voltadas para cada perfil neurocognitivo.</p>		
--	--	---	--	--

Quadro 4. Artigos sobre temas diversos usando os descritores Memória Social e Memória Coletiva levantados entre 2015 e 2021.

Palavra Chave	Título	Resumo	Ano de Publicação	Autores
Memória Coletiva	Blumenau E As Memórias De Maria: As Enchentes Da Década De 1980 A Partir De Experiências De Vida	<p>Este artigo traz as memórias de Maria acerca das grandes enchentes de 1983 e 1984 ocorridas em Blumenau-SC. O objetivo é evidenciar os acontecimentos que não estão impressos na história "oficial" da cidade. Esta pesquisa segue metodologia qualitativa com base em história oral. Os dados foram captados por entrevista em profundidade. Como conclusão, percebe-se que Maria, por vezes, assume o papel de protagonista e, por vezes, de testemunha ocular, trazendo uma memória que imprime não somente os acontecimentos das tragédias, mas o resgate das raízes da cultura alemã. Apesar de Maria evidenciar a dura realidade que viveu no período, em suas falas, parece não fazer parte delas. O sofrimento do outro se mostra maior. Isso é evidenciado quando reproduz narrativas que giravam de boca em boca e pelo rádio, tomando uma dimensão maior do que sua própria experiência em relação às tragédias.</p>	2017	Patricia Biegging*

<p>Memória Coletiva</p>	<p>Memória coletiva e teoria das representações sociais: confluências teórico-conceituais</p>	<p>Este artigo objetiva apresentar os principais aspectos teóricos e conceituais de duas teorias: Memória Coletiva, termo cunhado por Maurice Halbwachs (1877-1945) e a Teoria das Representações Sociais, pensada pelo psicólogo Serge Moscovici (1928-2014), bem como de que maneira esses dois campos se confluem, tendo em vista a influência sociológica de Émile Durkheim (1858-1917). Esse estudo reúne elementos teórico-conceituais do pensamento durkheimiano, que pode ampliar a discussão acerca das articulações entre as duas perspectivas teóricas apresentadas. Sob esse enfoque epistemológico, a discussão entre Memória Coletiva e Teoria das Representações Sociais tem sido pouco enfatizada nas produções científicas que se propuseram a concatenar as duas teorias, o que imprime originalidade ao presente trabalho. É perceptível uma relação de similaridade entre o processo de ancoragem moscoviciano com os quadros sociais da memória, sendo que ambos dependem de processos relacionais para construção social das práticas cotidianas e da capacidade de teorização da realidade social.</p>	<p>2019</p>	<p>Janderson Carneiro de OliveiraI; Luci Mara BertoniII</p>
<p>Memória Social</p>	<p>Violência e condição humana</p>	<p>Este artigo procura enfatizar o modo como Freud, desde a Primeira Guerra Mundial, dedicou seus interesses criativos aos processos de construção e de destruição da cultura e do ódio que se alastrou na Europa como consequência do regime totalitário do nazi-fascismo. Busca-se também reunir fundamentos nos pensamentos de Hanna Arendt e Judith Butler para compreendermos as consequências das grandes catástrofes sociais na modernidade e no ser humano. Para tanto, recorre-se à noção de trauma, extraída do pensamento freudiano, e da noção de violência e poder, das citadas autoras, para elucidar o que ocorre nas grandes catástrofes em massa e na esfera da experiência individual. Conclui-se que mesmo quem se viu ameaçado pela experiência traumática da violência pode construir a possibilidade de um resgate da memória, ainda que atravessado pelo discurso da violência.</p>	<p>2015</p>	<p>Flavia FriedII; Francisco FariasII</p>

<p>Memória Social</p>	<p>Os filhos da causa: memórias de filhos de exilados do regime militar (1964-1985)</p>	<p>A perseguição política decorrente da ditadura militar entre 1964 e 1985 no Brasil obrigou muitos ativistas políticos a buscar exílio em terras estrangeiras. Em viagem decidida às pressas, levavam seus filhos ainda crianças para o exílio, mudando suas vidas. Este estudo pretende entender quem foram essas crianças, "filhas da causa", e que memórias possuem daquele período. Tendo como referência a Psicologia Social, estabelecendo diálogo com outros "saberes", buscou-se entender que memórias foram construídas e qual nível de compartilhamento intersubjetivo foi produzido. Foram investigadas lembranças da saída do país, chegada e adaptação ao exílio, volta ao Brasil, e a avaliação global sobre o exílio e escolha política dos pais. A partir da perspectiva da Memória Social realizou-se articulação de fragmentos de discursos dos sujeitos entrevistados em busca de sentidos comuns, construídos a partir das memórias infantis sobre o período do exílio.</p>	<p>2015</p>	<p>Marcelo Henrique da CostaI; Ricardo Vieiralves de CastroII</p>
<p>Memória Social</p>	<p>Berlim de Walter Benjamin às vésperas da Primeira Guerra Mundial sobre a construção da Infância e Juventude</p>	<p>Os livros de Walter Benjamin <i>Infância em Berlim</i> e <i>Crônica Berlinense</i> foram inspirados em suas leituras de Proust, Henri Bergson e Louis Aragon. Benjamin considera a infância seriamente, como um espaço fundamental da experiência. Os processos da escrita e da recordação não podem ser separados. A expressão perda da experiência significa justamente isto - uma avaliação do que foi perdido na infância. Nesses livros, Benjamin nos fala sobre seus anos importantes na escola de Gustav Wyneken e seu período de estudos em Berlim, antes da Primeira Guerra Mundial. Com eles, ganhamos uma visão mais precisa dos temas e movimentos políticos de sua época.</p>	<p>2015</p>	<p>Wolfgang Bock</p>

<p>Memória Social</p>	<p>A comissão nacional da verdade e a construção de memórias sociais</p>	<p>A Comissão Nacional da Verdade (CNV) foi uma iniciativa visando esclarecimento sobre violações de direitos humanos cometidos entre 1964 e 1985. Por sua intrínseca participação social, pode-se também estudar uma característica da memória social, que é o esquecimento. Com o objetivo de analisar os aspectos psicossociais da memória em relação à ditadura por meio da percepção e sentimentos gerados em torno da CNV, 159 participantes (51,6% mulheres, 68,6% de esquerda), estudantes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, foram entrevistados e responderam questões atitudinais e emocionais sobre a CNV. Os resultados evidenciaram que o conhecimento sobre a Comissão e a orientação política dos entrevistados têm efeitos significativos sobre o conjunto de variáveis analisadas. Participantes auto declarados de esquerda apresentaram maior acordo com a atuação da CNV, além de maior intensidade de sentimentos positivos e negativos. Participantes auto declarados de direita apresentaram maior concordância com ações de esquecimento. Esta pesquisa traz contribuições ao estudo das atitudes e da memória social frente à CNV e se constitui como fonte geradora de novas hipóteses sobre o tema.</p>	<p>2019</p>	<p>Karen Sibila Strobel Moreira WeimerI; Denize Cristina de OliveiraII; Luis Flávio Chaves AnunciaçãoIII</p>
<p>Memória Social</p>	<p>Memória dos Troncos Velhos: um Estudo sobre Memória Social entre Ciganos</p>	<p>O presente estudo teve como objetivo analisar as memórias práticas entre membros de uma comunidade cigana do estado do Espírito Santo, com cultura territorial seminômade, tradição oral e domínio linguístico do kaló. Foram realizados registros de informações em diários de campo e entrevistas individuais e em profundidade com cinco homens e cinco mulheres, com idades acima de 50 anos, integrantes das primeiras gerações da comunidade. Foi utilizado instrumento com roteiro semiestruturado explorando temas salientes à vida do grupo. As narrativas obtidas foram sistematizadas com o auxílio da classificação hierárquica descendente, procedida por meio do Programa Alceste. Entre os principais resultados encontrados, destacam-se as "relações de gênero e práticas cotidianas", "tradições e costumes" e "transformações em curso". Espera-se que o desenvolvimento deste estudo possa contribuir para ampliar o corpo de conhecimento produzido acerca da população cigana a partir de suas próprias narrativas.</p>	<p>2020</p>	<p>Mariana BonomoI; Greycy Kelle de Andrade CardosoII; Thais Silvestre BatistaIII; Rovena Milbratz MartinsIV; Fatima Tolentino da SilvaV</p>